

**A CIDADE DOS ADULTOS OCUPADA PELAS CRIANÇAS:  
a resignificação infantil dos espaços urbanos a partir de  
Catingueira – Paraíba<sup>1</sup>**

***THE CITY OF ADULTS AND ITS OCCUPATION BY CHILDREN:  
urban spaces through the children's interpretation from  
Catingueira - Paraíba***

---

Patrícia Oliveira S. dos Santos\*

Antonio Luiz da Silva\*\*

**Resumo**

As cidades foram feitas para abarcar a pluralidade humana. Contudo, de sua criação à sua administração, elas pautam-se num ideário politicamente excludente da participação de algumas faixas geracionais. Neste artigo, buscando entender a contribuição infantil na ocupação urbana, serão sistematizados dados de algumas pesquisas realizadas em Catingueira, na Paraíba, ao longo da última década. Tomando-a como base, será mostrado que seus espaços de sociabilidade são construídos adultocentricamente. E embora estejam ocupando-a e estabelecendo na cidade suas relações sociais cotidianas, frequentemente as crianças não são consultadas nem chamadas para os debates ou para as decisões primordiais que envolvem suas vidas. Apesar disso, evidencia-se que elas não se quedam passivas, mas procuram se apossar de muitos dos espaços adultos, dando a eles novos significados sociais. Por fim, o artigo defende um acordo democrático no gerenciamento das cidades, de modo que se tornem verdadeiros espaços de inclusão, não apenas das crianças, mas de todos os grupos etários do município.

**Palavras-chave:** Cidade. Criança. Adulto. Espaço. Resignificação.

**Abstract**

Cities were made to fit the human plurality. However, its creation to its management, guided them in a politically exclusionary ideas of participation of some generational groups. In this article, seeking to

---

1 Os autores agradecem a José Soares pela leitura cuidadosa deste texto. Agradecemos ainda a Flávia Ferreira Pires por nos ter apresentado a Catingueira, e também a todos os Catingueirenses, em especial as crianças.

\* Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. E-mail: patriciaooss1288@yahoo.com.br

\*\* Doutorando em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. E-mail: tonlusi@hotmail.com

understand the children's contribution to urban occupation, we will use data from some surveys in Catingueira - Paraíba, over the past decade. Taking it as a base, we will show that their sociability spaces were built by and for adults. And even occupying it and setting it their everyday social relationships, often children are not consulted nor called for discussions or for the primary decisions that involve their lives. Nevertheless show that they are not passive, but seek to get hold of many of the adults spaces, giving them new social meanings. Finally, we defend democratic agreement in the management of cities, so that they become true spaces of inclusion, not only for children but for all municipal age groups.

**Keywords:** City. Child. Adult. Space. Reframing.

## Considerações iniciais

*Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo.*

(Manoel de Barros)

Em seus muitos equipamentos sociais, as cidades são feitas para abrigar pessoas. Elas se obrigam a conter no interior de seus 'muros', numa diversidade incomensurável, a pluralidade de interesses culturais, sociais, econômicos, políticos humanos. Por isso, podemos afirmar que as cidades contêm a vida urbana em sua mais alta complexidade tanto naquilo que elas publicam quanto no que propriamente procuram ocultar. Conforme Cristina S. dos Santos (2014, p. 3), "Pensar em cidades e modos de vidas urbanos é também pensar em cooperação e conflito, identidades e diferenças entre os diversos tipos de coletivo e suas interações e construções de fronteiras espaciais, culturais e zonas de contato". Logo, a ocorrência da acolhida ao gênero humano nos ambientes urbanos não acontece, necessariamente, de forma pacífica. Assim, se em seus espaços sobram sinais de cooperação, superabundam os conflitos. Na compreensão de Werneck (2011, p. 26), "[...] é preciso pensar o espaço também como o próprio elemento em disputa. Em grande parte, nas interações da vida urbana é o próprio espaço o que está no cerne das discussões".

Por serem espaços de disputas de diversas ordens, as cidades também são ambientes em permanente transformação. Porém, quando as olhamos, estacionadas em determinados territórios, temos a sensação de que elas sempre foram como estão. Aliás, muitas vezes, as pessoas que nelas vivem costumam a se dar conta e acabam constatando com alguma surpresa, que algumas transformações significativas estão ocorrendo. No geral, embora seja mais percebida por algumas pessoas, a mudança não é simples para ninguém. Talvez seja menos difícil para um visitante, mesmo que esporádico, uma vez que, vendo-a de longe, de tempos em tempos, poderá enxergar o que não existia quando de sua última inspeção. A condição de pesquisador goza, talvez, de um privilégio instrumental mais diferenciado. Como vai procurando o inaudito, o pouco comum e até o exótico no universo familiar, é possível que num

curto período, seja no tempo comum ou festivo do calendário citadino, possa enxergar sinais das pequenas transformações cotidianas que as cidades pesquisadas vão sofrendo.

As cidades são feitas de coisas, de espaços, de pessoas, de ideias. Algumas coisas ficam mais tempo quietas num espaço circunscrito. Uma praça, uma igreja, uma rua costumam ser estruturas urbanas com existências mais longas, ao passo que um campo de futebol, uma piscina, uma quadra de esportes podem ser equipamentos sociais com vidas menos duradouras. Ao contrário das coisas que, dependendo das decisões administrativas, podem permanecer mais tempo num determinado lugar, as pessoas e as ideias circulam sempre, disputam espaços, negociam, influenciam-se, reivindicam, fazem parcerias e também se deixam cooptar. Olhar as cidades a partir de seus múltiplos elementos componentes, sejam eles materiais, ideológicos ou humanos, é enxergar o visível, mas também perscrutar o invisibilizado.

É também na cidade, no meio urbano, que se pode perceber o espaço como projeção das relações sociais. Michel de Certeau (1994), na tentativa de uma melhor apreensão das relações socioculturais, faz uma diferenciação entre espaço e lugar. Para o autor, o espaço seria caracterizado pela necessidade de ser vivenciado, o espaço seria um convite à apropriação. O lugar, por sua vez, se caracterizaria pela ordem estável onde as vivências podem acontecer. Assim, o lugar só se tornaria espaço na medida em que as pessoas estabelecem nele suas relações e vivências. O espaço seria então “um lugar praticado”.

Embora idealmente feita para todos, a cidade não contempla a todos igualmente. Em muitas de suas circunstâncias concretas elas facilitam o acesso ao uso de seus bens a uns grupos e negam ou mesmo os obstruem a outros. Nela alguns são cidadãos autônomos, enquanto outros são transformados em dependentes ou tutelados, cidadãos somente no papel. Isso ocorre, segundo Tonucci (2009, p. 151), “Porque la ciudad, su administración, ha elegido como ciudadano prototipo a un ciudadano varón, adulto y trabajador. Conlase consecuencia de que, en esta ciudad, han desaparecido los ancianos, los discapacitados y los niños”. Dessa forma, está cada vez mais claro que não importa o seu tamanho ou a sua posição na geopolítica nacional ou internacional, as cidades contemporâneas representam o lugar das relações, da democracia, das conquistas, mas também dos fracassos, das opressões, das exclusões e exceções sociais.

O caso das crianças é emblemático da questão acima apresentada. Historicamente, os espaços urbanos construídos nem sempre pensam nelas. Para Wenzel (2012), lugares como bares, teatros e outros espaços públicos permitem o encontro e a convivência dos adultos, e não necessariamente constituem espaços para a apropriação das crianças. Frequentemente o acesso à maioria dos lugares importantes das cidades fica-lhes restringidos sem que elas sejam ao menos consultadas. E quando, por um descuido político, alguns lugares as contemplam – isto em bem poucos casos –, a organização deles, como notaram Arruda e Müller (2010, p. 11), “[...] é, principalmente, planejada segundo os adultos. Sendo assim, são as crianças que precisam se adequar a ele”.

Lugares vedados, lugares onde as crianças não são bem vindas, lugares

mostrados como perigosos existem aos montes em todas as cidades. Alguns deles podem representar, de fato, algum perigo real para as crianças, mas noutros, o perigo é inventado sem base empírica alguma. Alguns desses lugares lhes são facultados apenas quando convêm a adultos. Imaginemos que, na cultura geral, o acesso infantil a um bar não é de bom tom. Mas quantas vezes as crianças vão a eles comprar bebidas para adultos? De alguma forma, é importante lembrar, em sintonia com Benjamin (2002), que é no cotidiano da comunidade onde vive a criança que ela pode vivenciar sentimentos como ética e moral, por exemplo.

O presente artigo sistematizará argumentos de pesquisas realizadas nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2015 cujo lócus discursivo/interpretativo foi o município de Catingueira, no sertão da Paraíba, no Nordeste do Brasil. Em todas as nossas idas a campo, seja individualmente, em dupla ou em grupos, tomando a etnografia como abordagem metodológica, utilizamos o diário de campo e empregamos técnicas de observação participante, grupos focais, entrevistas semiestruturadas e conversas informais. Em muitas ocasiões, envolvemo-nos com crianças, jovens, adultos e pessoas idosas, buscando contemplar todos os intervalos geracionais. Reconhecemos que nas pesquisas já desenvolvidas a partir de Catingueira, em ocasiões diversas, mesmo quando os pesquisadores estavam no entorno da vida infantil, os objetivos propostos não visavam apreender a relação das crianças com a cidade. Observando essa lacuna, neste artigo tomamos como mote a relação das crianças com o município como espaço urbano em disputa. Atentaremos para a ocupação e (res) significação que elas realizam dos espaços urbanos, uma vez que a maioria deles é adultocentrado. A ideia aqui apresentada, mesmo não tendo sido antes desenvolvida, pode ser considerada como um desdobramento daquelas investigações feitas no município a partir de outras expectativas, tais como religião, Bolsa Família, direitos infantis, participação de crianças, futebol etc.

Embora nos baseemos nas pesquisas realizadas durante os períodos acima elencados, porque delas participamos, reconhecemos que a referida cidade, desde longa data, vem sendo palco de diversas investigações acadêmicas. Notadamente, o trabalho de investigação em Catingueira teve início na virada para o corrente milênio, conforme nos assegura sua primeira pesquisadora, Flávia Pires (2007, p. 228): “Comecei a fazer pesquisa na cidade de Catingueira no ano de 2000, quando a pesquisa não necessariamente focava as crianças”. Desse modo, como referido por Antonio Luiz da Silva (2014, p. 88), “Trata-se de um campo de pesquisa em ‘ebulição’ que há mais de uma década vem oferecendo contribuições significativas”.

### **Apresentando o campo de investigação**

Catingueira é uma pequena cidade situada a aproximadamente 340 km de distância da capital do estado da Paraíba, João Pessoa. Encontra-se localizada na região do Médio Sertão, no Vale do Piancó, na parte oeste do Estado. Faz divisa com as cidades de Pombal, Cajazeirinhas, São Bentinho e Condado ao norte, ao sul com a cidade de Imaculada, ao leste com Santa Terezinha e a oeste com as cidades de Coremas, Emas e Olho d'água. Seus polos de referência são os municípios de

Patos, Campina Grande e João Pessoa. Sua região urbana é atravessada pela BR 361, o que “[...] nos autoriza a dizer que, mesmo paradinha em seu desenvolvimento econômico, Catingueira nos oferece sempre uma sensação de pacata agitação, por conta do seu constante movimento de carros” (SILVA, A. L., 2012, p. 231). Quanto à localização geográfica, Catingueira, na opinião do autor, “[...] encontra-se bem no meio do caminho e também à beira da estrada, em conexão com outras cidades da região, ligando-se a várias municipalidades, num vai e vem constante” (SILVA, A. L., 2013a, p. 104).

Emancipada desde 1959, Catingueira, conforme a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2014, ainda não alcançou a cifra dos 5 mil habitantes, os quais estão distribuídos em uma área territorial de 529,46 km<sup>2</sup>, dividindo-se entre as zonas urbana e rural, sendo que, do ponto de vista produtivo financeiro, apenas 379 estão ocupados oficialmente<sup>2</sup>. A sobrevivência local não se distingue muito das demais cidades do interior do Nordeste brasileiro. Muitos de seus moradores, mesmo os que vivem na zona urbana, contam com o auxílio da agricultura, plantando na proximidade de suas casas, milho, feijão, ou criando alguns animais de pequeno e médio porte, como por exemplo, galinha, pato, cabra, porco. Na cidade, além de trabalhos agrícolas, algumas famílias se sustentam financeiramente a partir dos pequenos comércios, dos poucos empregos da prefeitura e do Estado, das aposentadorias e do auxílio do governo federal, como o Programa Bolsa Família – PBF (SANTOS, 2011; SILVA, J., 2011, 2012; SOUZA, 2011; SILVA, A. L., 2014). A maior parte dos trabalhadores mais jovens anseia por conseguir um emprego na prefeitura, nem sempre distinguindo o que é ser contratado ou o que significa ser concursado. A parte menor dos trabalhadores em idade produtiva emprega-se em alguns dos comércios locais que vêm se instalando na cidade.

Atualmente, o município conta com duas padarias, cinco mercadinhos, todos munidos de uma diversidade de mercadorias impressionantemente distribuídas em suas prateleiras. Além disso, há algumas lanchonetes, a exemplo de *Suêlio's Bar e Lanchonete*, ponto de consumo muito apreciado pela população local e, sobretudo, pelos jovens<sup>3</sup>. Pequenos bares e bodegas existem sem conta. Nos bares, vendem-se bebidas alcoólicas e também alguns petiscos. Nas bodegas, comumente, são comercializadas cachaças, mas podem ser vendidos gêneros alimentícios e utilidades para o lar, vassoura, cordas etc.

Há ainda na cidade duas *lan-houses*, as quais alugam seus computadores a preço e hora pré-combinados e são bastante frequentadas pelas crianças, adolescentes e jovens, e, em menor escala, pelos adultos. Esse fenômeno digital é relativamente novo na região, coisa da última década, mas praticamente não há, na cidade, um único jovem que não tenha acesso às redes sociais. É importante destacar que,

---

2 Informações disponíveis no *site* do IBGE em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmu n=250420&search=paraiba|catingueira|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

3 Quando a lanchonete estava prestes a ser inaugurada, foi digna de nota no *site* Catingueira Online, disponível em: <[http://www.catingueiraonline.com/search/label/eventos\\_catingueira](http://www.catingueiraonline.com/search/label/eventos_catingueira)>, o qual apresentou o estabelecimento como sendo um grande empreendimento local.

na observação de Pires (2009), até o ano de 2006 não havia nenhuma *lan-house* em Catingueira. Além das *lan-houses*, há internet particular em algumas casas. O município já teve um centro de inclusão, que oferecia acesso digital à população e era financiado pela prefeitura. Porém, este funcionou muito pouco tempo, ao menos na opinião das crianças (SILVA, A. L., 2012). Acesso à telefonia celular existe, mas a cobertura não é extensiva a todas as operadoras.

A cidade conta ainda com uma casa lotérica, muito útil, sobretudo em virtude da facilidade que oferece no recebimento do benefício do PBF (antes realizado na cidade de Patos). Está à disposição da população uma agência dos Correios. Além da lotérica, existe um único banco privado, não havendo outras instituições financeiras.

Há uma única loja de variedades, onde se pode encontrar bolsas, bonecas, canetas, chaveiros, celular, dentre outros produtos. Há uma loja de DVDs piratas que oferece grande variedade de filmes à população, sendo cada filme vendido ao preço de R\$ 2,50. Encontra-se também na rua principal uma loja de roupas e duas farmácias. Feira livre não existe mais. Há ainda vendedores ambulantes oferecendo peixes, frutas, leite, redes, mosquiteiros pelas ruas.

### **As crianças circulam pela cidade inteira...**

Em termos proporcionais comparativos com outros ajuntamentos urbanos, por ser um município pequeno, Catingueira não tem ainda muitos dos problemas sociais de uma cidade de médio ou grande porte, embora alguns moradores já se queixem da disseminação de drogas entre os adolescentes e do crescente consumo de bebidas alcoólicas, inclusive entre algumas crianças (SILVA JARDIM, 2010; SILVA, A. L., 2013a).

Em que pese a observação acima referida, a presença das crianças em Catingueira é constante e expressiva, de modo que sua invisibilidade é política e não física. Na cidade, elas são vistas com grande frequência circulando pelas ruas, na maioria das vezes entre pares, conduzidas por irmãos mais velhos e em geral desacompanhadas de adultos. É claro que estamos enfatizando a ação das crianças maiores, aquelas que se locomovem com certa independência motora, mas não podemos esquecer que os bebês também circulam em Catingueira 'livremente' de uma mão à outra, percorrendo toda cidade, independente da mão que os leva ser de sua parentela. Conforme Flávia Pires (2012, p. 542), "O fato é que os bebês, mesmo bem pequenos (com um mês), já 'passeiam' pela cidade sem a companhia de seus respectivos pais". Esse ato tem fortes indicativos de proporcionar à população da cidade um fator de sociabilidade, de partilha de cuidados, responsabilidades educativas e de estreitamento de laços entre as famílias, mesmo aquelas não ligadas pela consanguinidade.

Deixando de lado a importância das crianças pequenas, é preciso que se afirme que a circulação das crianças maiores, em muitas situações, pareceu-nos ser de muita serventia prática. Elas são mandadas às vendas e bodegas ou aos mercadinhos, onde realizam pequenas compras a pedido de suas mães (PIRES, 2012), ou mesmo para comprar os 'brebotes' e as 'burugangas' (BENJAMIM, 2010)

para seu próprio consumo e gosto. Em Catingueira, “Brebote é um termo nativo, e corresponde a alguns alimentos infantis: chiclete, pelota, pipoca, etc., ou então, ‘besteira’ que se refere aos lanches consumidos tanto na escola como na rua ou em casa” (SILVA, J., 2012, p. 13). Algumas crianças de Catingueira circulam vendendo picolé, cocada ou dindim, e mesmo que isso seja altamente não recomendado pela política pública municipal, não há uma rígida fiscalização. Além disso, constantemente elas podem ser enviadas à casa de parentes e vizinhos próximos para levar objetos, comidas ou recados. Levar recados, aliás, parece ser uma característica comum entre as crianças, ao menos entre aquelas das camadas populares e das populações tradicionais, fato observado por Sarti (1996), Sousa (2004) e Cohn (2005) ao realizarem pesquisas com crianças.

Meninas e meninos catingueirenses circulam pela cidade. É bem verdade que, nessa circulação, os lugares sociais ocupados acabam sendo diferentes por diversos fatores, especialmente pela condição de gênero, por exemplo. Eles e elas podem ser vistos nas praças, na piscina pública, na Fonte do Olho d’Água, no bar do coreto, nas igrejas. Eles ocupam o campo de futebol, a quadra de esportes etc. Não há necessariamente lugares para eles ou para elas, esta distinção parece ter sido construída ao longo dos tempos, de modo que não vimos nenhuma proibição expressa a meninos ou a meninas. Contudo, a presença das meninas na quadra de esportes era inexistente e a frequência delas ao campo de futebol pareceu-nos insignificante, em que pese no passado ter havido na cidade um time de moças (SILVA, A. L., 2013b).

É fato passível de baixa contestação que os meninos catingueirenses dispõem de maior liberdade. “No caso feminino, há a realização das tarefas domésticas como lavar louça, varrer casa, forrar a cama ou ainda [...] levar algum objeto para um cômodo diferente da casa” (SOUZA, 2013, p. 3). Segundo Pires (2012, p. 546), “[...] as meninas são chamadas para buscar água na nascente, no olho d’água ou no açude, com o auxílio de latas de tinta reutilizadas”. Embora essa última atividade as coloque no meio da rua, geralmente as ações das meninas acabam condicionando-as na maior parte do tempo aos espaços domésticos, tendo elas uma participação mais protegida. Aliás, se elas saem para pegar água, não devem permanecer o resto do dia à beira do açude ou da fonte do olho d’água, mas devem voltar logo para continuar sua lida doméstica. Para os meninos a rua é quase que o seu lugar. Não queremos dizer aqui que se trata de ‘crianças em situação de rua’, aliás, isso nem existe em Catingueira. Sua livre permanência na rua afirma outra realidade. Conforme Souza (2013, p. 3), “No caso dos meninos, as atividades mais recorrentes [...] estão ligadas ao sair do espaço da casa, como ir ao mercadinho comprar alguma coisa”. E ainda, na observação de Pires (2012, p. 549), “Se o pai da família sai para pescar, é esperado que o garotinho o acompanhe, ajudando-o a carregar os instrumentos, observando-o e aprendendo a atividade. Um pai pode levar os filhos para auxiliá-lo quando sai para trabalhar na roça”. Assim, enquanto elas estão bem menos fora de casa, ocupando espaços mais privados, eles passam muito mais tempo na rua.

Apesar de dizermos que as crianças de Catingueira circulam pela rua, devemos afirmar que a presença delas em muitos ambientes urbanos, na opinião dos ‘mais zelosos pensadores locais’, não deveria se dar. Nós ouvimos críticas de

peças da cidade que, em tom de severa acusação, diziam que algumas famílias “criam os filhos na buraqueira”, “soltos no mundo”, “assim como Deus criou batatas”. Em alguns casos, dependendo da família, seja menino ou menina, a circulação das crianças é mesmo mais restringida, devendo se dar apenas de forma passageira, rápida e esporádica. Mas independente das muitas exceções educativas, há crianças circulando pelos vários espaços da cidade a qualquer hora do dia, mesmo sob forte sol e também na primeira parte da noite. Em nossa temporada na cidade, vimos com frequência crianças voltando para casa depois das 22 horas.

A rua, em Catingueira, sem dúvida, é lugar dos adultos e, por tabela, dos adultos homens. Na referida cidade, afirma Pires (2007, p. 234), “Acredita-se que criança que convive excessivamente com adultos aprende o que não deve”. Em certo sentido, algumas pessoas acreditam que as crianças não devem ficar muito tempo nem pela rua nem nas casas dos vizinhos ou conhecidos, para não se sujeitarem ao aprendizado de coisas indevidas à infância. Uma mãe, cujo filho fica muito tempo nas casas alheias ou na rua, pode ser taxada de displicente e culpada, caso esta criança incorra em erro (PIRES, 2007). Além do mais, meninos soltos pela rua são automaticamente acusados de ‘danados’, numa espécie de discriminação seletiva, mesmo que não façam peraltice alguma, ou as façam numa escala não muito destacada. Contudo, há aqui uma questão importante a ser abordada: em Catingueira, com exceção da escola, não há espaços criados pela municipalidade onde as crianças possam permanecer de forma mais resguardada e protegida. Talvez por isso, quando estão fora de casa, a rua torna-se, em muitos casos, o lócus da ludicidade.

Aqui é preciso que se diga que o conceito de circulação já aponta para o efêmero do fazer cotidiano infantil.

### **Catingueira: uma cidade feita pelos e para os adultos...**

Apesar de destacarmos acima a presença das crianças em todos os lugares, com ‘exceção’ da escola, o município em questão não dispõe de nenhum espaço pensado exclusivamente para as crianças. É bem verdade que esta não é uma característica somente de Catingueira, posto que isto faz parte da maioria das pequenas, médias e grandes cidades brasileiras e também estrangeiras, as quais seguem muito claramente um desenho com perspectivas adultocêntricas. De acordo com Nascimento (2007), o mundo adulto e as cidades da forma como são constituídas não consideram as crianças como produtoras de um saber próprio sobre o espaço urbano. Conforme Fernanda Müller (2012, p. 298), “O planejamento das cidades é feito com base em diferentes conceitos sobre os seus habitantes e, aparentemente, crianças não têm direito pleno à participação, pois são consideradas menos capazes”.

A cidade de Catingueira não possui muitos atrativos de lazer e sociabilidade, como os existentes em cidades de médio e grande porte. Dos poucos espaços que a cidade possui, importa iluminar como ambiente de sociabilidade duas ou três pequenas praças pouco expressivas, a gigantesca praça principal, o coreto, o

clube, as igrejas, o açude dos cegos e o do prefeito, duas quadras de futebol (ambas deterioradas), o campo de futebol, a famosa Serra da Catingueira e o banho na Cachoeira Mãe Luzia. A grande praça que se encontra no entorno da igreja matriz, central no desenho urbano, pode ser considerada o seu maior ambiente de socialização, sobretudo em períodos de festas. Nela, a cada ano, no mês de janeiro, ocorre a festa do padroeiro da cidade, São Sebastião, e nos fins de julho e início de agosto, acontece o tradicional João Pedro, uma espécie de festejo junino fora de época.

A praça, no entanto, como todos os demais ambientes acima mencionados, parece ser projetada para a ocupação dos adultos, confirmando aquilo que vem sendo mostrado na literatura. Müller e Nascimento (2008) afirmam que nos espaços urbanos os adultos possuem uma circulação mais livre do que as crianças. Não é preciso muito esforço de observação para vermos que muitos dos lugares e equipamentos coletivos são projetados exclusivamente para adultos e para adultos saudáveis. E isso pode ser evidenciado, conforme Müller (2007), em diversos elementos simbólicos, tais como: na roleta e na altura do degrau dos ônibus, na altura e na ausência de rebaixamento das sarjetas, nas escadarias do metrô etc. Reafirmando o que dizem Müller e Nascimento (2008), as cidades são pensadas, projetadas e construídas por adultos, onde não se valoriza e nem se leva em consideração as vozes e pontos de vista das crianças.

Em Catingueira, as crianças recebem mensalmente uma pequena quantia financeira para uso pessoal, visto que são reconhecidas como as cumpridoras das condicionalidades impostas pelo PBF. Conforme Jessica Silva (2012, p. 13), “As crianças menores recebem um valor variável entre R\$ 0,50 a R\$ 5,00 reais, já as crianças maiores recebem quantias mais altas entre R\$ 2,00 a R\$ 20,00 reais”. Mesmo o comércio, que costuma a ninguém ignorar, considerando a todos indistintamente como possíveis consumidores, não lhes destina nenhuma atenção maior, posto que nele não encontramos sequer uma loja de atrativos para crianças. Para o comércio catingueirense, ao contrário da opinião das crianças, dos gestores e de suas famílias, mesmo que não lhes negue a venda de produtos, o dinheiro do Bolsa Família não parece ser delas, mas de suas famílias ou de seus pais, os adultos. E até as lanchonetes onde elas compram possuem bancos e balcões tão altos que dificultam a possibilidade de uma criança se sentar e pedir algo.

Catingueira, não fugindo à regra nacional, é uma cidade projetada por adultos e para adultos, contendo pouco espaço para as crianças. Embora as crianças, por sua circulação urbana, esforcem-se para demonstrar que é possível outras experiências infantis, lá se reproduz com frequência exemplar a ideia de que lugar de criança é na escola. Aliás, o conflito geracional decorrente da utilização dos lugares denota não apenas a necessidade de se reduzir e limitar os espaços para a criança nas ruas, mas configura e fortalece a ideia da escola como sendo um espaço privilegiado para o desenvolvimento de experiências infantis na sociedade atual. Poderíamos dizer que se há um espaço pensado para as crianças no citado município, embora regulado pelos adultos, esse lugar seria, talvez, a escola. No que diz respeito à Educação, na zona urbana, a cidade conta com duas grandes escolas, sendo uma estadual e a outra municipal. A primeira oferece Ensino Fundamental e Ensino Médio. Mas corre um

boato na cidade que o Ensino Fundamental só será ofertado pelo poder estadual até 2015, a partir de então o município se responsabilizará por ele integralmente. O poder municipal já oferece todo o Ensino Fundamental a uma parte de suas crianças. No tocante à Educação Infantil, existe, hoje, na cidade, uma creche pública, cumprindo uma determinação judicial. Até 2011, havia apenas uma única creche, chamada Sossego da Mamãe, que é “[...] particular, mas funciona nas dependências do colégio municipal” (PIRES, 2012, p.547).

Contudo, também na escola podemos observar uma maior apropriação lúdica dos espaços pelas crianças. Em muitos casos, elas a veem como um lugar de sociabilidade, onde pode ser exercida a ludicidade tão comumente associada ao momento da infância, de modo que poderíamos considerar que a escola seria, para as crianças, aquilo que Magnani (1996) chama de “pedaço”. Na conceptualização do referido autor, ‘pedaço’ denomina “[...] um espaço – ou um seguimento dele – que, assim demarcado, torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (MAGNANI, 1996, p. 32). Na escola, pareceu-nos, é dado à criança maior liberdade de uso, coisa que não acontecem em muitos outros espaços da cidade. Porém, apesar de usarem a escola como espaço de ludicidade, é preciso destacar que esta não constitui espaço destinado ao lazer infantil. Em grande medida, dadas as circunstâncias de escassos espaços de lazer e sociabilidade infantil no município, elas utilizam o espaço escolar, extrapolando sua função puramente pedagógica. É importante destacar que não há, no desenho arquitetônico da escola estadual, lugares especiais para o lúdico – como parquinhos e quadras de esportes – e mesmo existindo uma quadra de esporte na escola municipal, esta se encontra há bastante tempo em precário estado de funcionamento.

### **Mas as crianças se apossam da cidade, atribuindo-lhes novos significados...**

Uma vez excluídas historicamente da política de construção das cidades e das decisões administrativas que gerenciam os equipamentos sociais encontrados nelas, poderíamos pensar que as crianças se tornariam tão somente parte de um grupo em permanente segregação. A regra seria mais ou menos clara: estão excluídas, não participam, não contam, não tem lugar, nem existem. Se tão simples fosse, as cidades não só gerariam mas também sustentariam, dessa forma, uma espécie de desigualdade geracional separatista. No entanto, os estudos vêm mostrando que a ocupação dos espaços urbanos pelos diversos intervalos etários tem sido bastante complexa. Conforme Tschobe e Rechia (2012, p. 264), “[...] da mesma forma como ocorre com os espaços da escola, outros espaços públicos, tais como praças, bosques, parques, também podem ser intensamente apropriados pelas crianças no meio urbano”. Desse modo, a exclusão das crianças, mesmo sendo uma verdade, acaba sendo uma verdade apenas parcial. Sem dúvida, é preciso destacar que as cidades mesmas, enquanto organização humana, podem propiciar também a “[...] criação de novos padrões de troca e de espaços para a sociabilidade e para rituais da vida pública” (MAGNANI, 2002, p. 24). Nesse sentido, as crianças catingueirenses

desmentem parte dessa verdade, dando provas de outras possibilidades infantis no município.

Em nossa constatação, os espaços do município de Catingueira são a todo o momento recriados e transformados pelas crianças, (re)simbolizados segundo as suas necessidades. “A criança com sua inventividade e ludicidade próprias da cultura da infância nos mostra outras cidades possíveis num ato de criação de inúmeras possibilidades de construir e desconstruir os espaços urbanos” (NASCIMENTO, 2007, p. 5). Assim, mesmo não tendo espaços exclusivos, elas se apropriam dos ambientes existentes, produzidos para os adultos, em alguma medida os ressignificando. Numa parte da praça principal, entre a igreja matriz e a secretaria paroquial, a prefeitura construiu uma espécie de academia ao ar livre. Seu desenho e seus equipamentos não foram feitos pensando nas crianças, mas elas os transformam em objetos lúdicos todos os dias, tornando-o quase um parquinho de diversão municipal. Como afirma Wenzel (2012, p. 67), “Brincando na rua, crianças fazem amizades e compartilham esses espaços, que num primeiro momento, talvez pudesse ser considerados só como espaços dos adultos”. Logo, a paisagem urbana de Catingueira, como a de qualquer cidade, só pode ser pintada a várias mãos.

O fato de muitos espaços serem projetados para os adultos não significa dizer que as crianças sejam materialmente excluídas de neles circular, de se apropriar deles. Não, não é assim. Catingueira nos mostrou isso especialmente na disputa que elas fazem com os adultos. É bem verdade que as crianças têm de se adequar a esses espaços. Elas vão se apropriando deles à medida que vão lhes dando novos sentidos. Para Gomes e Gouvea (2008, p. 56), “[...] ao ocupar as ruas para jogos coletivos, as vielas para o brincar de bola de gude, os locais vazios para pipas, a criança investe os espaços públicos de novos significados”.

Ao observar que as crianças nunca ocupavam o centro de um campo de futebol em Catingueira, sendo este espaço reservado ao uso adulto, Antonio Luiz da Silva (2013b) descreve uma cena que, em especial, chamou sua atenção. Às margens do estádio, um grupo de crianças carregava, de um lado para o outro, duas traves de ferro, as quais muito provavelmente haviam sido trazidas de uma das duas quadras de esportes que se encontravam deterioradas na cidade. Aquelas traves seriam carregadas sem grandes esforços por apenas dois homens, o que não acontecia para aquele grupo de crianças. Para pô-las no lugar que se encontrava disponível para seu jogo de futebol, sem o auxílio de adultos, as crianças se enfileiravam parecendo mais um grupo de formiguinhas carregando uma grande folha. E, respondendo ao desejo de brincar, ressignificavam aquelas margens do estádio, as quais não haviam sido projetadas com a finalidade lúdica infantil.

Como atores sociais, as crianças mantêm e transformam a infância, se apropriam e modificam criativamente nas suas cidades. Portanto, a cidade é um espaço na sua totalidade que se transforma em lugar, nos fragmentos apreendidos e significados pelas crianças (MÜLLER, 2012, p. 312).

Na cena descrita anteriormente por Silva (2013b), uma pequena margem do estádio, além de se transformar num campo de futebol completo, agigantava-se

a serviço do imaginário infantil, e, nela, aquelas crianças realizavam legitimamente seus jogos.

Será que fatos como esse não apontariam para a necessidade de se projetar os espaços urbanos também pensando nas crianças, permitindo a elas uma infância com mais qualidade nos ambientes urbanos?

Talvez não estejamos falando de quaisquer crianças, mas de um grupo de crianças comuns de classes populares e/ou de famílias pobres do sertão paraibano, que estão acostumadas a encontrar soluções cotidianas para o seu existir. Partindo delas, naquele município, concluiu Souza (2011, p. 56), “[...] a criança é capaz de compreender algumas situações e de interferir em seu contexto social”. Esta mesma autora acrescenta que “As crianças de Catingueira [...] conhecem as problemáticas do seu cotidiano” (SOUZA, 2011, p. 56). E, em certa medida, elas vão propor soluções, não querendo obrigatoriamente desfazer o que está feito, mas no sentido de se apossar, de fazer novos usos dos equipamentos da cidade.

Enfatizando ainda a resignificação e a adequação das crianças de Catingueira aos usos dos espaços da cidade, Antonio Luiz da Silva (2012) notou que, várias vezes, um grupo de crianças levava o rodo e vassoura para a quadra de esportes e a limpavam antes do início de seus jogos. Aquela quadra fora destruída por um vendaval ocorrido na região e se encontrava em total abandono político-administrativo há vários anos. Quando perguntadas porque levavam tais instrumentos para uma quadra de esportes, uma das crianças respondeu: “Porque o prefeito não se interessa em endireitar a quadra” (SILVA, A. L., 2012, p. 249). E uma outra afirmou: “O prefeito só sabe prometer, mas não faz nada” (SILVA, A. L., 2012, p. 249). Para um adulto, aquele espaço tinha perdido inteiramente seu valor. Para as crianças, ele começava a tomar um novo colorido. Naquela condição, a quadra velha podia, agora, ser delas. Diante desse fato, ficamos a questionar: interessaria mesmo às crianças a reforma daquela quadra de esportes? Se isso acontecesse, as crianças muito provavelmente seriam expulsas dela, não tendo mais lugar para brincar, como já acontecia no estádio. De qualquer forma, em face da inação governamental, as crianças iam dando um uso possível àquele equipamento, diferentemente da utilidade que aquele ambiente poderia ter para os adultos.

Mesmo que ninguém lhes tivesse dito, era fato consumado que os meninos não possuíam lugar para a realização dos seus jogos de futebol, o próprio coordenador de esportes afirmou que na cidade não havia política de esportes para crianças. Embora reconhecesse o valor daquela prática, em suas palavras, “[...] a Secretaria de Esportes não tem nenhuma ação política esportiva, muito menos ainda um olhar voltado para as crianças” (SILVA, A. L., 2012, p. 242). Parecendo intuir, a partir de suas vivências e conhecendo a cidade onde viviam, que aquela realidade não se mostrava às crianças como um problema sem solução. “Como os outros grupos sociais, as crianças arranjam suas existências cotidianas com os meios que podem” (JAVEAU, 2005, p. 385).

Em anos recentes, foi construído pelo governo municipal da cidade um clube de lazer onde o maior atrativo é uma piscina coletiva. O uso da piscina, no entanto, acontece apenas nos finais de semana. Vale destacar que esse não é um lugar de uso exclusivo das crianças e nem parece ter sido construído pensando apenas nelas,

talvez nem tenha sequer sido imaginado que elas se apossariam dele daquele jeito. Todavia, como é uma obra que abarca a população local, elas não poderiam ficar de fora. No espaço da piscina, misturam-se homens e mulheres, moças e rapazes, meninos e meninas. Podemos dizer que a piscina é um espaço caracteristicamente híbrido (CANCLINI, 1997), como toda sociedade humana contemporânea. Aquele clube, certamente por conta da piscina, pode ser considerado um dos melhores ambientes para o exercício da democracia e da inclusão em Catingueira. A centralidade do uso da piscina não está nos adultos, embora não os exclua. Sem dúvida, em razão da ocupação espaço-territorial que dela fazem, as crianças parecem se impor com maior visibilidade física e até mesmo política.

Outro lugar onde podemos observar a presença das crianças é a praça principal da cidade, sobretudo a parte que fica atrás da Igreja de São Sebastião, a igreja matriz da cidade. Lá, as crianças brincam de bola, de bicicleta, de correr umas atrás das outras, em diversas modalidades lúdicas. Em algumas situações, sentam-se em longas conversas, nas quais tratam de tudo: brigas com colegas, fofocas da cidade, comentários sobre as beatas chatas que frequentam a igreja, resultados dos jogos de futebol, fantasias de viajar para longe, curiosidades sobre a vida das pessoas que estão na cidade, mas que não são dela, namoricos de colegas etc. Nas noites de quartas-feiras, sobretudo as crianças do sexo masculino se aglomeram na frente das televisões que ficam na lanchonete principal ou no bar do coreto, ambos no entorno da praça principal, para assistir aos jogos de diferentes rodadas de campeonatos brasileiros transmitidos pela televisão aberta. Porém, aqui também elas têm de se submeter e se adaptar à dominação do espaço pelos adultos, inclusive no que diz respeito ao domínio do controle sobre a televisão. Naquela praça não existe absolutamente nada de atrativo tipicamente infantil. Mas elas ressignificam a praça, inclusive subindo no pedestal da estátua de São Sebastião.

Outro espaço bastante adultocentrado do qual as crianças tem cada vez mais se apropriado é o da religião, tendo nele certa atuação política, ainda que em menor proporção. É claro que as crianças estão presentes tanto nas igrejas evangélicas e católicas quanto no centro espírita (PIRES, 2011). Mas, a rigor, com exceção da catequese na igreja católica, das atividades bíblicas infantis nas igrejas evangélicas, e das reuniões espíritas especiais (PIRES, 2007), a programação religiosa, de uma maneira geral, não é feita pensando na inclusão ou na centralidade das crianças. Nos cultos e nas missas, muito frequentemente, elas estão correndo de um lado para o outro, seja porque não se interessam pelo que está sendo dito, seja porque ainda não está ao alcance delas as considerações ali feitas por padres, ministros e pastores. Mesmo assim, cabe aqui destacar o caso do terço dos homens, da igreja católica, recitado a cada sexta-feira, à noite, no qual é visível uma espécie de santa ‘invasão’ das crianças, muitas vezes vestidas com camisas do referido grupo, mandadas confeccionar por seus parentes para aquela ocasião. Assim como os adultos, e talvez com maior necessidade, as crianças presentes fazem questão de rezar ao microfone, a partir do qual, sua voz é irradiada pela torre da igreja para toda cidade. Nesse sentido, o convite do padre às crianças parece ser uma deferência especial (SILVA, A. L., 2013a, 2012). Esse espaço, marcadamente adulto, ao ser ocupado pela voz infantil parece receber outro significado que não o determinado por seus organizadores.

A Serra da Catingueira, o maior atrativo turístico da cidade, é um espaço de difícil acesso, e por isso as crianças não podem por ela circular livremente, mas, sempre que há ocasião oportuna, sobem a Serra da Catingueira em busca de diversão. Desse modo, especialmente quando algum adulto conhecido, não necessariamente de sua parentela, resolve fazer o referido percurso, algumas crianças logo se ‘escalam’ para seguir junto, muitas vezes se disponibilizando como guias para auxiliar no caminho durante a subida. Assim como a Serra, o Açude dos Cegos e mesmo o Açude do Prefeito também são espaços do lazer adulto, vez ou outra tomados pelas crianças. É claro que não ousaríamos pensar ou defender que as crianças deveriam deles fruir livres de qualquer controle adulto. Se o fizéssemos, correríamos o risco de ser acusados de irresponsáveis, uma vez que, de um ponto de vista prático, um açude pode, sim, representar um risco para a vida de uma criança que não saiba nadar. De qualquer forma, nesses espaços, as crianças mais uma vez ficam à margem, ou ficam “pelos beiradas” (SILVA, A. L., 2013a).

Em 2014, foi construída na cidade a primeira praça do alto, uma região marcadamente mais pobre. Não existe nenhum atrativo nela, nem mesmo bancos, mas as crianças dão a ela a utilidade de que precisam. Observamos também, nessa praça, um grupo de capoeira, do qual participam muitas crianças coordenadas por adultos, que se reúne ao menos duas vezes por semana.

A Serra, os açudes, as quadras, o campo, o clube, a praça, o coreto, as igrejas e até mesmo o comércio local são lugares de e para adultos, mas as crianças se encontram presentes neles. Em seu ato de ocupação e disputa pelos espaços urbanos, elas não se intimidam com a presença dos adultos. A cidade inteira parece ser, para elas, tão somente um ambiente a ser explorado, reinventado. Como acredita Abramowicz (2011, p. 33), “[...] uma cidade sob os olhos de uma criança se presta a novos trajetos e a novos traçados de vida, a cidade sob o olhar de uma criança pode vir a ser um vetor de imaginação[...]”. Na opinião da autora, certamente por sua atuação, a criança “[...] cria mil e um tipos de cidade, insanamente, irresponsavelmente e sobretudo infantilmente, com toda a positividade de ser infantil [...]” (ABRAMOWICZ, 2011, p. 33).

Como garante Fernandes (2009, p. 63), “As crianças, como cidadãos - no sentido de habitantes da cidade, também a vivem e a apreendem de uma forma diferente da de outras gerações”.

### **Considerações finais**

Nascimento (2007) mostra que os espaços construídos pelos adultos muitas vezes se opõem ao lugar que é percebido e imaginado pelas crianças. Como afirma Tonucci (2009, p. 166), “Es como si la ciudad se hubiese olvidado de los niños”. Em Catingueira, não encontrando outra saída, circulando por vários espaços, olhando-os diferenciadamente, transformando-os em lugares multifuncionais, imprimindo-lhes usos para os quais não foram originalmente projetados, em muitos casos, tomando posse deles, as crianças resignificam ambientes segundo suas necessidades espaciais. Aliás, com exceção da escola, a maior parte dos espaços catingueirenses

não foi pensada para o uso e consumo das crianças. Por isso, em muitos momentos lúdicos, o calçadão da igreja modifica-se, tornando-se espaço para brincadeira de pula-pula, as sandálias viram traves na hora do jogo no meio das ruas, garrafas transformam-se em bolas para pequenas partidas de futebol nas praças, as grandes pedras da Serra da Catingueira tornam-se ideais para as brincadeiras de esconde-esconde, as beiradas do campo se convertem em um campo inteiro, a academia ao ar livre se torna parquinho de diversão etc. Para as crianças, muitos aparelhos urbanos recebem novos significados e, transformados em brinquedos, tornam-se suas posses. É através desse processo de conquista e ressignificação dos espaços que as crianças experimentam e vivem os lugares da cidade.

A ação das crianças em Catingueira não é passiva ou sem consequência. Não recebendo os lugares ‘de mãos beijadas’, elas são obrigadas a apresentar todos os dias soluções criativas para suas vidas em diversos espaços da cidade, na escola, na Fonte do Olho D’Água, na praça da igreja, nas calçadas da cidade, na piscina pública ou no campo de futebol etc. Nessas práticas sociais, como coloca Sarmiento (2011, p. 585) se “[...] reconfiguram os lugares institucionais em que vivem as crianças, em cada momento, e as formas de ser e de agir das crianças “contaminam”, alteram, modificam permanentemente as práticas familiares, escolares, institucionais, e dos territórios e espaços sociais em que se encontram”. Dessa forma, o espaço urbano é, muitas vezes, tomado como uma “invenção social” (DAMATTA, 1991), sendo considerado tanto por sua pluralidade quanto por sua singularidade no campo de composição das relações sociais.

Certamente é por essa razão que alguns autores têm defendido que também os espaços urbanos podem representar lugares de educação para as crianças. Para Müller e Nascimento (2008), educar não pode ser considerado apenas como encargo da escola, mas deve ser compartilhado com a cidade entendida como agente educativo. As escolas e os espaços da cidade podem e devem colaborar para a plena formação das crianças, promovendo debates e eventos que fomentem, cada vez mais, a participação infantil junto aos demais moradores (GADOTTI, 2002).

De nossa parte, entendemos os espaços urbanos como elementos que podem colaborar na construção de culturas que incluam as experiências infantis, visto que, neles, as crianças se relacionam com seus pares e com os adultos, sendo-lhes permitidas incomensuráveis trocas geracionais, diferentes aprendizados e novas descobertas. Mas, para isso, precisamos, como pensa Abramowicz (2011, p. 32), “[...] incorporar o discurso das diferenças não como um desvio, que é o lugar que o diferente tem sido colocado, mas como um mote de nossas práticas e das relações entre as crianças”. Só assim caminharemos para a construção de uma cidade menos adultocêntrica e mais democrática.

Partindo de Catingueira, defendemos que as crianças têm muito a contribuir tanto na cidade quanto para a cidade, podendo, uma vez que suas necessidades não são percebidas pelos adultos, sugerir outras perspectivas para os espaços urbanos. Concordamos com Borba (2005) quando aponta ser necessário expandir os direitos de participação infantil, enxergando a possibilidade de as crianças escolherem e intervirem efetivamente na construção e estruturação dos espaços urbanos. Aceitamos que a influência das crianças nos espaços urbanos pode levar à adaptação

e construção de locais mais lúdicos, onde a espontaneidade, qualidade muito presente na infância, possa permanecer (NASCIMENTO, 2007).

## Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: **Sociologia da infância no Brasil**. Ana Lúcia Goulart de Faria e Daniela Finco (Orgs.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- ARRUDA, Fabiana Moura; MÜLLER, Verônica Regina. A criança e a cidade: da imposição adulta à participação infantil. **Anais do Seminário de Pesquisa do PPE**. Universidade Estadual de Maringá. 27 e 28 de abril de 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BENJAMIM, Tatiana. Brebotos e burugangas: analisando o 'empoderamento' infanto-juvenil no Sertão Paraibano. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 15, p.31-36 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n15/1%20artigo%20tatiana.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.
- BORBA, Ângela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar**. 2005. 279 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- CANCLINI, Nestor. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. H. P. Cintraão, A. R. Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Ciências Sociais Passo-A-Passo Ciências Sociais Passo-A-Passo, Zahar, 2005.
- DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- FERNANDES, Renata Sieiro. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 3, n. 1, p. 58-74, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 26 fev. 2015.
- GADOTTI, Moacir. Escola cidadã, cidade educadora: projeto e práticas em processo. **Jornal Bolando a aula**, ano VI, n. 52, p. 3-5, 2002. Disponível em: <[http://www.gruhbas.com.br/arquivos/publicacao/bolando\\_aula\\_2002\\_52.pdf](http://www.gruhbas.com.br/arquivos/publicacao/bolando_aula_2002_52.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2009.
- GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: DEBERTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- JAVEAU, Claude. Criança, infância(s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? Trad. Maria Fonseca. Rev. tec. Ivany Pino. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-389, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em: 22 jul. 2011.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo uma antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 12-56.
- \_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- MÜLLER, Fernanda; NASCIMENTO, Nayana B. Cidades do século XXI (re) criadas pelas crianças. **Pátio, Educação Infantil**, v. 1, p. 1-2, 2008.

- MÜLLER, Fernanda. Infância e Cidade: Porto Alegre pelas lentes das crianças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 295-318, jan./abr. 2012. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 26 fev. 2015.
- MÜLLER, Verônica Regina et al. O brincar das crianças: aproximações às culturas infantis. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 11, n. 104, p. 1-1 2007. Disponível em: <<http://www.pca.uem.br>>. Acesso em: 23 jul. 2009.
- NASCIMENTO, Nayana B. A cidade de São Paulo (Re) criada pelo imaginário e cultura lúdica das crianças: um estudo em Sociologia da infância. 2009. 203f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Braga, 2009. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11020/1/tese.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- PIRES, Flávia F. Cidade, Casa e Igreja: sobre Catingueira, seus adultos e suas crianças. **Campos**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 63-80, 2007.
- \_\_\_\_\_. A casa sertaneja e o Programa Bolsa-Família: questões para pesquisa. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 27-30, p. 1-12, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Quem tem medo de mal-assombro**: religião e infância no Semiárido Nordeste. Rio de Janeiro: E-papers; João Pessoa: UFPB, 2011.
- \_\_\_\_\_. Crescendo em catingueira: criança, família e organização social no semiárido nordestino. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 539-561, dec. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v18n3/a05v18n3.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.
- SANTOS, Patrícia O. da Silva. **Deixa eu Falar!** Uma análise antropológica do Programa Bolsa Família a partir das crianças beneficiadas do alto sertão paraibano. 2011. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de Pesquisa em Educação**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2819/1825>>. Acesso em: 15 jul. 2012.
- SARTI, Cynthia. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 1996.
- SILVA, Antonio Luiz da. Agonias dum pesquisador numa abordagem envolvendo crianças: reflexões advindas de Catingueira – PB. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 13, n. 1, p. 86-97, 2014. Disponível em: <<http://www2new.assis.unesp.br/index.php/revista/article/viewFile/330/333>>. Acesso em: 29 out. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Pelas Beiradas**: duas décadas do ECA em Catingueira. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013a.
- \_\_\_\_\_. Jogando pelas beiradas: sobre o vivido de meninos e homens num estádio de futebol em Catingueira – PB. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 22, n. 22, p. 103-117, mai. 2013b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53146>>. Acesso em: 14 jan. 2015.
- \_\_\_\_\_. Um estudo acerca das políticas públicas e da participação das crianças em Catingueira - PB. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 225-257, 2012. Disponível em: <[http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/262/pdf\\_247](http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/262/pdf_247)>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- SILVA, Jéssica Karoline Rodrigues da. **“Eu compro tudo de pelota”**: o Programa Bolsa Família e a expansão do consumo infantil em Catingueira-PB. 2011. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Eu compro tudo de pelota”: o Programa Bolsa Família e o consumo das crianças em Catingueira-PB. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL, XV. Teresina-PI, 2012. **Anais...** Teresina: UFPI. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT27-50.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

- SILVA JARDIM, George Ardilleda. Reflexões antropológicas a partir de uma política pública para crianças. **Caos**, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Paraíba, n. 15, p. 37-45, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n15/2%20artigo%20george.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2013.
- SOUZA, Edilma N. **As crianças e o Programa Bolsa Família em Catingueira PB**: uma reflexão antropológica da condicionalidade escolar a partir do ponto de vista das crianças. 2011. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- \_\_\_\_\_. O Programa Bolsa Família e a Condicionalidade Escolar: o que falam as meninas e os meninos de Catingueira (PB) sobre uma política pública. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10. Florianópolis, 2013. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384454753\\_ARQUIVO\\_EdilmadoNascimentoSouza.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384454753_ARQUIVO_EdilmadoNascimentoSouza.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- SOUZA, Emilene Leite de. **“Que trabalhaiis como se brincásseis”**: trabalho e ludicidade na infância Capuxu. 2004. 239p. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, Paraíba, 2004.
- TONUCCI, Francesco. Ciudades a escala humana: laciudad de losniños. **Revista de Educación**, número extraordinario p. 147-168, 2009. Disponível em: [http://www.revistaeducacion.mec.es/re2009/re2009\\_07.pdf](http://www.revistaeducacion.mec.es/re2009/re2009_07.pdf). Acesso em 15 set. 2015.
- TSCHOBE, Aline; RECHIA, Simone. O lazer das crianças no bairro Uberaba em Curitiba: a dialética entre os espaços de lazer e a problemática urbana na periferia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 263-280, abr./jun. 2012.
- WENETZ, Ileana. **Presentes na escola e assentes na rua**: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade. 2012. 229f. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desenvolvimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- WERNECK, Alexandre. A velhice como competência de efetivação de ações moralmente questionadas. Situações em supermercados do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 28, p. 14-46, 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%2010.28.abril2011.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

Recebido em 02/05/2015

Aprovado em 11/09/2015